



**Universidade Federal do Maranhão**  
**Centro de Ciências Humanas, Naturais, Saúde e Tecnologia**  
**Curso de Licenciatura em Educação Física**

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA  
ESCOLAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA CRIANÇAS  
COM AUTISMO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.**

**Jackeline Jesus Caldas**

**Pinheiro**  
**2019**

**JACKELINE JESUS CALDAS**

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA  
ESCOLAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA CRIANÇAS  
COM AUTISMO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em Educação Física  
da Universidade Federal do Maranhão /  
Campus Pinheiro para obtenção do Grau de  
Licenciado em Educação Física.

Orientador: Elayne Silva de Oliveira

Pinheiro  
2019



Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Caldas, Jackeline.

Práticas Pedagógicas na Educação Física escolar e suas contribuições para crianças com autismo: uma revisão sistemática / Jackeline Caldas. - 2019.

33 f.

Orientador(a): Elayne Silva de Oliveira.

Curso de Educação Física, Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro, 2019.

1. Autismo. 2. Educação física. 3. Práticas pedagógicas. 4. Relações interpessoais. I. Oliveira, Elayne Silva de. II. Título.

**JACKELINE JESUS CALDAS**

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA  
ESCOLAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA CRIANÇAS  
COM AUTISMO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em Educação Física  
da Universidade Federal do Maranhão/Campus  
Pinheiro para obtenção do Grau de Licenciado  
em Educação Física.

A Banca Examinadora da Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),  
apresentada em sessão pública, considerou o candidato aprovado em:  
\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Prof. Ms. Elayne Silva de Oliveira  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Ms. Jefferson Fernando Coelho Rodrigues Junior  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Ms.. Lúcio Carlos Dias Oliveira  
Universidade Federal do Maranhão

Aos meus queridos Derikson Nicollas Leal  
Diniz e Gustavo Botelho que me  
apresentaram este incrível mundo azul.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais Maria Laudeci Silva e Ronaldo da Conceição Fereira (In Memoriam) obrigado por sempre estar ao meu lado, acreditarem no meu potencial e ser minha base em todos os momentos.

Ao meu esposo Pedro Ribeiro, meu muito obrigado pelo carinho, apoio e compreensão com as minhas horas de ausência.

Quero agradecer a minha professora orientadora Elayne Silva de Oliveira por sua sensibilidade, competência, coerência, por ser constante fonte de motivação e incentivo ao longo de todo o projeto. Muito obrigado.

Aos professores Ms. Cláudio Tarso de Jesus Santos Nascimento e Ms. Lúcio Carlos Dias Olivera, que aceitaram o convite para fazer parte da banca examinadora, não pode deixar de agradecer por fazerem parte da minha formação neste momento e ao longo de todo o curso.

À M<sup>a</sup> Leomar Ribeiro da Silva, pela pelo incentivo e carinho.

As minhas queridas amigas Elizete Santos Marques, Suellem Renata Pereira, Carla Milena Castro (Quarteto fantástico). Sempre estiveram ao meu lado compartilhando as experiências da universidade.

A todos os colegas de curso que compartilharam momentos inesquecíveis ao longo desses anos.

Ao curso de Licenciatura em Educação Física – Campus Pinheiro e seus docentes reconheço o esforço gigantesco para que seus alunos se desenvolvam e tenham a melhor formação. Foram eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias.

À instituição Universidade Federal do Maranhão que proporcionou a oportunidade de possuir um ensino superior e a expansão de meus horizontes.

“Meu cérebro funciona diferente, é verdade.  
Mas meu coração sente como o seu”.

(Naoki Higashida)



## RESUMO

Na última década notou-se um número significativo de crianças diagnosticadas com T.E.A (Transtorno do Espectro Autista) inseridas nos ambientes escolares, isso se dá pelo diagnóstico cada vez mais cedo e pelo processo de inclusão que é garantido pelas leis educacionais a essas crianças, deste modo faz-se necessário buscar maneiras de incluir e contribuir com a qualidade de ensino dada a esses alunos. O objetivo do estudo foi identificar práticas e/ou intervenções pedagógicas utilizadas para inclusão crianças com TEA nas aulas de educação física com ênfase na interação social. Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa – descritiva do tipo revisão de literatura sistemática, as buscas realizadas em 5 bases de dados: ERIC (Education Resources Information Center), Lilacs(BVS), Scielo, Sport Discus e Google Scholar. No período de 2009 a 2019; Tiveram como objeto de estudo crianças de 3 a 12 anos com autismo regularmente matriculados nas redes de ensino com algum prejuízo na interação social. A busca ocorreu entre agosto de 2018 a fevereiro de 2019, os dados coletados foram sintetizados em tabelas e quadros. Nos resultados encontrados ressaltamos 8 estudos que evidenciam sucessos e dificuldades das aulas de educação física, desses 6 trabalhos em português e 2 trabalhos em inglês. Podemos enfatizar que os achados afirmam que o jogo, o brinquedo e atividades de caráter lúdico, são excelentes mediadores no que diz respeito ao convívio entre as crianças e o Brasil conta com significativo número de publicações referentes a temática.

**Palavras-chave:** Transtorno autístico. Educação física. Práticas pedagógicas. Relações interpessoais.

## ABSTRACT

In the last decade, a significant number of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (Autistic Spectrum Disorder) have been found in school environments. This is due to an earlier diagnosis and the process of inclusion that is guaranteed by the educational laws to these children. It is necessary to look for ways to include and contribute to the quality of teaching given to these students. The objective of the study was to identify pedagogical practices and / or interventions used to include children with ASD in physical education classes with an emphasis on social interaction. Methodologically, it is characterized as a qualitative - descriptive research of the type review of systematic literature, the searches carried out in 5 databases: ERIC (Education Resources Information Center), Lilacs (BVS), Scielo, Sport Discus and Google Scholar. In the period from 2009 to 2019; They had as study object children from 3 to 12 years with autism regularly enrolled in educational networks with some impairment in social interaction. The search occurred between August 2018 and February 2019, the data collected were synthesized in tables and tables. In the results found we highlight 8 studies that show successes and difficulties of physical education classes, of these 6 jobs in Portuguese and 2 works in English. We can emphasize that the findings affirm that the game, the toy and activities of playful character, are excellent mediators when it comes to living among the children and Brazil has a significant number of publications on the subject.

**Keywords:** Autistic disorder. Physical education. Pedagogical practices. Interpersonal relationships.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características metodológicas dos estudos incluídos na revisão .....7

Tabela 2 - Referencial anual de publicações.....9

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 – Resumo dos dados extraídos dos estudos selecionados.....	8
---	---

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Organograma de coleta de dados.....	06.
--	-----

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DSM-V	<i>Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais</i>
ERIC	<i>Education Resources Information Center</i>
LILACS	<i>Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde</i>
ONU	<i>Organização das Nações Unidas</i>
SCIELO	<i>Scientific Eletronic Librari Online</i>
TEA	<i>Transtorno do Espectro Autista</i>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>2</b>
<b>Critérios de elegibilidade .....</b>	<b>4</b>
<b>Estratégias de busca .....</b>	<b>5</b>
<b>Seleção, extração e síntese dos dados.....</b>	<b>5</b>
<b>RESULTADOS.....</b>	<b>6</b>
<b>DISCUSSÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>16</b>

## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA CRIANÇAS COM AUTISMO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.

Jackeline Jesus Caldas 1<sup>1</sup>

Elayne Silva de Oliveira 1 (Orientadora)

1<sup>1</sup> Universidade Federal do Maranhão; Graduando do curso de Licenciatura Educação Física; Pinheiro; MA

1 Universidade Federal do Maranhão; Graduação pela Universidade Federal do Maranhão; Mestrado em Saúde do Adulto e da criança pela Universidade Federal do Maranhão

### **INTRODUÇÃO**

O Transtorno do Espectro do Autismo – TEA ou autismo é um transtorno de neurodesenvolvimento que acomete uma parcela da população mundial, dentre as especificidades que caracterizam o transtorno está a dificuldade de interagir socialmente, dificuldade comunicação e alterações comportamentais (DSM-V, 2013).

Estima que há aproximadamente 2 milhões de pessoas com autismo no Brasil, não existe pesquisa que valide esses dados, mas a projeção do IBGE é que a população brasileira tenha ultrapassado os 208 milhões de habitantes, ou seja, existe 1% dessas pessoas são autistas de acordo com a Organização das Nações Unidas (Junior, 2019, p. 20).

Os primeiros relatos sobre autismo foram através dos médicos psiquiatras Eugene Bleuler(1911), Leo Kanner(1943) e Hans Asperger (1943). Bleuler descreveu como: “fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia” (Cunha, 2012, p. 20); Kanner ao observar crianças com comportamentos diferentes relatou a: “incapacidade de relacionarem de maneira normal com pessoas e situações, desde o principio de suas vidas”( BRASIL, 2013, P.17). Asperger possuía uma linha de pesquisa muito parecida com a de Kanner, exceto pelo alto desenvolvimento intelectual e maior capacidade de comunicação. Sua pesquisa se intitulava “psicopatia autista” (CUNHA, 2012, p. 20). Vale ressaltar que nesta época os conceitos de transtorno do espectro autista, esquizofrenia e psicose infantil se confundiam (BRASIL, 2013, p. 17).



Kanner(1943) descreveu características comuns a essas crianças e a partir de situações observadas em seus comportamentos, destacou as seguintes características: isolamento excessivo, movimentos repetitivos e estereotipados; atraso ou a não utilização da linguagem enquanto recurso de comunicação (BAPTISTA; BOSA, 2002). Estas características podem favorecer o isolamento da criança, empobrecendo, ainda mais, suas habilidades comunicativas, ao que a literatura é unânime em indicar diagnóstico e intervenção precoce (BRASIL, 2013).

Os primeiros sinais de autismo podem ser captados no segundo ou terceiro ano de vida, ou antes. As crianças com transtorno do espectro tendem a ter o diagnóstico da doença tardiamente, por volta dos 4,5 anos (PARR, J. et al, 2016.) Na grande maioria das vezes esses sinais só serão captados na escola pela professora ou equipe pedagógica, pois, nessa idade as crianças são inseridas na escola.

Diante disto a Lei nº 12.764, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com autismo, sancionada em dezembro de 2012, faz com que os autistas passem a ser considerados oficialmente pessoas com deficiência, tendo direito a todas as políticas de inclusão do país, entre elas, as de educação. Portanto, o autismo passou a ser considerado legalmente como uma deficiência, e toda escola pública, estando preparada ou não, é obrigada a aceitar a inclusão de alunos com esse tipo de deficiência (BRASIL, 2012).

Portanto, a escola se constitui como um recurso fundamental para enriquecer as experiências sociais das crianças com TEA (transtorno de espectro autista), oportunizando a interação entre pares e contribuindo para o desenvolvimento de novas aprendizagens e comportamentos (NUNES; AZEVEDO e SCHMIDT, 2013).

Sendo assim, a Educação Física como conteúdo curricular obrigatório colabora diretamente com o desenvolvimento das crianças com autismo (FALKENBACH, et al., 2007). Sua contribuição vai desde o desenvolvimento de aspectos motores e psíquicos, além de proporcionar autonomia, autoconfiança e qualidade de vida (FARINHA, 2014). A Educação Física tem seu papel importante enquanto componente curricular da educação infantil, assumindo uma grande responsabilidade, que é a de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento e formação para a cidadania. (SOUZA, 2019).

A pluralidade de ações pedagógicas pressupõe que o que torna os alunos diferentes é justamente a capacidade de se expressarem de forma diferente (BRASIL, 1997, p. 85). A diversidade de práticas pedagógicas nas escolas pode contribuir para desenvolvimento infantil no âmbito linguístico, cognitivo, social, emocional (MACIEL; FILHO, 2009). Nesta perspectiva a intervenção pedagógica tem caminhado no sentido de pensar uma pedagogia das diferenças em sala de aula (MENDES, 2002).

Assim, faz-se necessário pensar práticas pedagógicas que incluam estes alunos nas aulas de Educação Física, sendo a prática pedagógica um elemento-chave na transformação da escola, entendendo essa possibilidade de transformação ao homem e à sociedade.

O presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional de artigos de periódicos científicos indexados sobre as intervenções pedagógicas que estão sendo realizadas para inclusão de alunos autistas nas aulas de educação física, destacando o período, a base indexada e as escolhas metodológicas dos estudos.

## **MÉTODOS**

Trata-se de um estudo qualitativo-descritivo, com delineamento do tipo revisão de literatura, sendo uma revisão sistemática que segundo Galvão e Pereira (2014): É um tipo de investigação focada em questão bem definida, que visa identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências relevantes disponíveis.

### **Critérios de elegibilidade**

Para composição da síntese foram utilizados estudos cuja variável interação social fosse identificadas por meio de variadas intervenções pedagógicas desenvolvidas em ambiente escolar, a amostra foi composta por crianças, a seleção foi direcionada artigos publicados em português e inglês contendo as seguintes características: artigo original, estudo de caso, publicados entre os anos de 2009 a 2019.

Estudos de revisão, ensaios e revisões de revisões, meta-análises, inacessíveis na íntegra, amostra de adolescentes e adultos, teses e dissertações não foram incluídos. Também não foram incluídos artigos em outras línguas, devido à dificuldade de tradução e interpretação das informações.

## **Estratégias de busca**

Para estratégia de busca sistemática, optou-se por utilizar os descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Desta maneira, os termos encontrados foram testados individualmente e por fim chegou-se aos seguintes descritores em português: autismo, educação física, criança, interação social, transtorno do espectro autista, intervenção, praticas pedagógicas e os seus correspondentes em inglês. Assim os descritores foram combinados “educação física” AND “autismo”, “intervenção” AND “autismo”, “educação física” AND “transtorno do espectro autista”, “autismo and educação física” AND “praticas pedagógicas”, “autismo and educação física” AND “interação social”, “transtorno do espectro autista and criança” AND “educação física”.

A busca foi realizada durante o período de agosto de 2018 a fevereiro de 2019 em cinco (05) bases de dados: GOOGLE SCHOLAR, ERIC ( Education Resources Information Center) LILACS (BVS), SCIELO (Scientific Eletronic Librari Online), SPORT DISCUS, os critérios de exclusão estabelecidos foram: 1-artigos que não compreendiam o período estabelecido; 2- artigos de revisão de literatura, meta-analise, teses e dissertações; 3-pesquisas fora do ambiente escolar; 4- estudos em outros idiomas que não os selecionados; 5-estudos realizados com adolescentes e adultos.

## **Seleção, extração e síntese dos dados**

Os dados foram tratados por um pesquisador que realizou de maneira independente cada etapa do processo de revisão. O tratamento dos dados ocorreu em etapas: I. Conferência e remoção das duplicatas entre bases de dados; II. Remoção após aplicação dos filtros e critérios de inclusão; III. De leitura de títulos e resumos, na qual todos os trabalhos que atendiam aos critérios foram incluídos; IV. Leitura integral dos títulos selecionados; VI. Extração dos dados realizada por meio de tabela e elaboração da síntese descritiva.

O resultado das buscas realizadas foi esquematizado na figura a seguir:

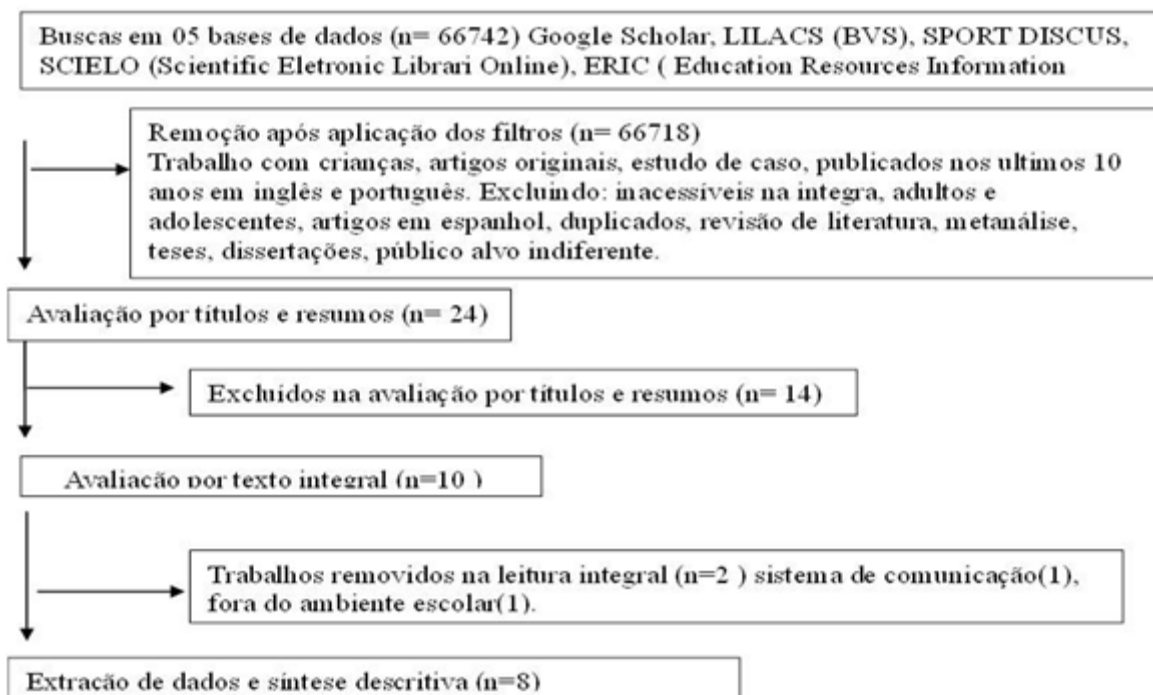


Figura 1. Organograma do processo de seleção de artigos  
Fonte: Elaboração própria.

## RESULTADOS

Combinando todas as estratégias de buscas realizadas nas 05 bases de dados ERIC (Education Resources Information Center), Google Scholar, LILACS, SCIELO (Scientific Eletronic Librari Online), SPORTDISCUS, encontrou-se um total de 66742 referências relevantes. Esses estudos foram na sua maioria da base de dados ERIC (n=2), seguido das bases GOOGLE SCHOLAR com (n=5), LILACS (BVS) com (n= 1), SPORT DISCUS (n=0), e SCIELO com (n=0). Como resultado de uma busca criteriosa dessa etapa, 66718 foram excluídos a partir da aplicação dos filtros e critérios de inclusão e exclusão, restando 24 que foram avaliados a partir dos títulos e resumos, destes 10 permaneceram e foram avaliados por seu texto integral. Dentre esses, apenas 8 estudos preencheram adequadamente os critérios de elegibilidade e foram então selecionados para a extração. Resultando em uma análise da síntese descritiva que foram elencados e numerados de 1 a 8 em quadro referencial (**Quadro1**).

No conjunto dos estudos incluídos cinco <sup>1,3,5-7</sup> analisaram as contribuições de intervenções pedagógicas no contexto sócio afetivo através do jogo cooperativo<sup>1</sup>, jogo tradicional<sup>3,6,7</sup>e jogo educativo <sup>5</sup>. Em dois <sup>2,8</sup> o objetivo principal eram intervenções lúdicas com ênfase na psicomotricidade<sup>8</sup> e cantigas de roda<sup>2</sup>. As pesquisas que utilizaram a iniciação esportiva como meio intervencional foram

quatro <sup>2-5</sup> futebol<sup>4</sup>, natação<sup>2</sup>, badminton<sup>5</sup>, handebol<sup>5</sup>, basquete<sup>5</sup> e corrida<sup>3, 5</sup>. Ainda tivemos 4<sup>3,5-7</sup> estudos com enfoque nos brinquedos <sup>6,7</sup> e circuito motor<sup>3, 5</sup>. Sobre o aspecto geográfico seis estudos concentraram-se no Brasil<sup>1, 2,5-8</sup>, Estados Unidos<sup>3</sup> e na Espanha<sup>4</sup>. Em relação às amostras, sete estudos <sup>1-6,8</sup>, foram realizados com a população masculina e um estudo <sup>7</sup> com público feminino com idade entre de 03 a 12 anos.

**Tabela 1:** Características metodológicas dos estudos incluídos na revisão

<b>Objetivos</b>	Contribuição de intervenções pedagógica que envolva o jogo (5) <sup>1,3,5,6,7</sup> Intervenções lúdicas com ênfase na psicomotricidade (2) <sup>2,8</sup> Intervenção com utilização de esportes (4) <sup>2,3,4,5</sup> O brinquedo no processo de aprendizagem (4) <sup>3,5,6,7</sup>
<b>Estudos incluídos</b>	Estudo de caso (6) <sup>1,2,3,4,6,8</sup> , Relato de Experiência (1) <sup>7</sup> Projeto piloto (1) <sup>5</sup>
<b>Contextos específicos</b>	Países: Brasil (6): Vitória/ES <sup>2,6,7</sup> , Uberlândia/MG <sup>1</sup> , Pelotas/RS <sup>5</sup> , Boa Vista/RR <sup>8</sup> ; E.U.A (2) <sup>3,4</sup> Nashville/TN <sup>3</sup> , Espanha(1): Madrid <sup>4</sup>
<b>Restrição por idiomas</b>	Apenas publicados em inglês e português
<b>Amostras</b>	Crianças de 3 a 12 anos <sup>1-8</sup> ; Educação infantil (3) <sup>2,3,8</sup> ; Ensino fundamental 1(5) <sup>1,4,5,6,7</sup> ; Sexo: masculino (7) <sup>1-6,8</sup> sexo feminino(1) <sup>7</sup>
<b>Número de bases de dados</b>	05

Fonte: Elaboração própria

As informações coletas que originaram o **Quadro 1**, explicitada a relevância dessas informações para o estudo, onde buscamos apresentar os artigos científicos envolvidos na síntese descritiva. Ressaltando a base de dados que foi indexado, seus respectivos autores, ano de publicação, conteúdo, metodologia e os resultados encontrados das intervenções pedagógicas quanto a interação da criança autista com seus pares nas aulas de educação física.

Quadro 1: Resumo dos dados extraídos dos estudos selecionados

N=	BASE / ANO	AUTORES	CONTEÚDO	METODOLOGIA	RESULTADOS
1	Google Scholar / Ano 2012	Silva, <i>et al.</i>	Jogos Cooperativos	Observação de atividades do tipo caça ao tesouro com procura de pistas e cumprimento de provas. Que necessitam da participação em equipe e efetivamente tendo o aluno autista como protagonista.	Os jogos cooperativos mostraram ser uma estratégia de ensino eficiente no processo de inclusão, devendo ser mais abordado em novas pesquisas e ampliado para dentro do âmbito escolar
2	LILACS / Ano 2013	Chicón, <i>et al.</i>	Natação e atividades lúdicas	Estudo qualitativo de caráter descritivo e exploratório com ênfase nos fundamentos de natação com atividades lúdicas do tipo cantigas de roda e músicas que envolviam a participação do aluno autista. As aulas eram divididas em 3 partes: conversa inicial, intervenção e conversa final.	Durante as atividades na piscina o aluno mostrou facilidade no que se refere a interação social, as atividades em meio aquático facilitarão essa aproximação entre os pares, que as atividades lúdicas nomeio aquático foram benéficas para a criança autista, tanto no sentido da ampliação de seus movimentos e vivências de brincar, como também em suas relações com os professores e as crianças, favorecendo práticas inclusivas.
3	ERIC (Education Resources Information Center) / Ano 2015	Ledford, <i>et al.</i>	Jogos	O estudo do tipo coleta de dados, onde após 20 seções de atividades e jogos em campo de 50 jardas delimitado por cerca durante 20 minutos. A tarefa consistia em corrida curta seguida de descanso e ações de interação social entre as crianças com jogos. A atividade física foi medida usando dispositivos acelerômetros mecânicos, e todos os comportamentos sociais foram medidos observacionalmente e em tempo real usando um aplicativo de software baixado no smart phone de cada coletor de dados.	Os resultados deste estudo sugerem que uma intervenção implementada- Professor pode resultar em mudanças consistentes em comportamentos sociais (jogo proximal e interações sociais) e engajamento apropriado, incluindo engajamento associado com MVPA (Atividade Física Moderada e Vigorosa).
4	ERIC (Education Resources Information Center) / Ano 2017	López, <i>et al.</i>	Futebol	Estudo qualitativo de caráter observacional ocorreu em 2 sessões semanais com 1 hora de duração, no período de três meses. Um programa de treinamento de futebol foi realizado com os objetivos padronizados. A avaliação de habilidades sociais foi realizada a partir Modelo Skillstreaming Social da Goldstein (Goldstein, Sprafkin, Gershaw & Klein, 1980) divididos em seis grupos de habilidades: começando habilidades sociais, habilidades sociais avançadas, lidar com sentimentos, alternativas à agressão, lidando com habilidades de estresse e de planejamento.	Com relação ao início habilidades sociais, os resultados obtidos mostram que uma melhoria significativa por três dos cinco participantes; na maioria dos casos, as habilidades de atenção dessas crianças são afetadas negativamente, por isso, este estudo reflete a necessidade de uma formação complementar. A natureza abrangente da prática de esportes, de modo que as crianças com TEA podem desempenhar um papel ativo junto com outras crianças, e, finalmente, a possibilidade de adotar a prática de futebol, conseguindo um efeito positivo padronizado e socialmente relevante indivíduos autistas.
5	Google Scholar / Ano 2018	Martins, <i>et al.</i>	Jogos educativos e Esportes	Estudo de caso com delineamento de base múltiplas. As intervenções utilizadas diferirão entre os participantes. O aluno 1 foi proposto atividades que envolviam habilidades motoras; O aluno 2 praticou atividades	Os resultados encontrados mostram que a intervenção foi eficaz para aumentar a frequência de interações sociais dos alunos com TEA com seus colegas e professores, bem como qualificar

N=	BASE	AUTORES	CONTEÚDO	METODOLOGIA	RESULTADOS
6	Google Scholar / Ano 2019	Siqueira, M. F; Chicon, J. F.	Jogos tradicionais	O estudo teve a observação participante, entrevista semiestruturada, diário de campo, videogravação e registro fotográfico, como fonte de coleta de dados. As aulas tinham duração de 50 min, com mediação da professora durante os processos sociais.	essa interação de forma espontânea e recíproca, durante o tempo do estudo, através da análise visual e estatística das fases A e B. O aluno autista foi gradativamente sendo inserido nas aulas de educação física, pois anteriormente, suas aulas individualizadas. O jogo foi parte importante do processo para efetiva interação entre as crianças e as relações sociais foram construídas.
7	Google Scholar / Ano 2019.	Araújo, F. Z	Jogos e brinquedos	Estudo do tipo qualitativo, utilizou-se de uma série de confecção de brinquedos e jogos; As crianças foram divididas em equipes de 5 crianças, a primeira atividade foi a confecção de brinquedos com materiais recicláveis.; A segunda atividade consistiu em jogos com os brinquedos construídos.	A criança observada, com a experiência e participação nas aulas, demonstrou estar agindo naturalmente com os colegas e professores, principalmente nas situações de confecção dos brinquedos e durante as situações de brincar; Seu repertório de brincar, apesar de restrito, demonstrou boa evolução na forma de experimentar atividades, explorar a sala, os objetos e o seu corpo; As aulas oportunizaram vivências afetivas interessantes ao desenvolvimento da menina.
8	Google Scholar / Ano 2019	Souza, P. A.	Jogos cognitivos	Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência. As atividades eram articuladas com música e jogos que estimulassem o pensar (cognitivo), o agir (atitudinal/afetivo), o descobrir e ao criar (procedimental/motor). Por meio das observações, registros e anotações, pudemos perceber o impacto dessa abordagem nas aulas	No início das atividades o aluno autista mostrou-se bastante arredio e não queria participar das aulas; No decorrer de 35 aulas o aluno começou a se envolver nas atividades; os jogos que envolviam músicas e materiais visuais coloridos chamaram mais sua atenção. Algumas vezes participava nas atividades em grupo, demonstrando progresso na interação social, principalmente quando havia música.

Fonte: Elaboração Própria

A seguir, a **tabela 2** apresenta o número de estudos analisados, segundo o ano de publicação, que versavam sobre a temática autismo e interação social nas aulas de educação física.

Tabela 2 - Referencial anual de publicações

Ano	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Qt.	0	0	0	1	1	0	1	0	1	1	3

Fonte: elaboração própria.

Identificou-se que 2019 foi o ano que houve o maior número de pesquisas

sobre a temática, considerando somente o 1º semestre. Já nos anos de 2009, 2010, 2011, 2014, 2016 não foram identificados estudos sobre a temática.

## DISCUSSÃO

Problemas de comunicação, comportamentos e de interação social são características inerentes da criança com transtorno do espectro autista, em alguns mais ou menos graves. Essas características contribuem para que haja exclusão desses alunos nas aulas de educação física, fazendo com que o processo de inclusão na escola seja deficitário.

A ineficiência na efetivação da inclusão escolar reflete diretamente na qualidade da educação oferecida aos alunos com deficiência da falta de qualificação dos professores ao apoio técnico no trabalho com os alunos, a compreensão a cerca da inclusão, as alterações diárias que podem ocorrer devido às demandas exigidas no trato com as crianças, e os processos de ensino aprendizagem focado no tradicionalismo educacional, ou seja, todos esses contextos inviabilizam os processos de inclusão (CABRAL; MARIN, 2017).

Ao pensar estratégias que incluam o aluno com autismo, o professor além de melhorar a qualidade de vida da criança estará ressignificando sua prática pedagógica. Dentro dessa concepção de escola inclusiva, o processo de incluir contribui para o desenvolvimento do aluno com autismo, propiciando a obtenção de novas habilidades, assim ocasionando uma reorganização do sistema escolar. Exigem das escolas novos posicionamentos a respeito de sua conduta e qualificação por parte do corpo docente e técnico-administrativo. (SIQUEIRA, 2011).

Na **tabela 1** verifica-se que seis dos oito estudos são caracterizados estudos de caso <sup>1-4, 6,8</sup>, isto ocorre pelo fato da inclusão já esta contecendo nas escolas; Mas, a qualidade do ensino recebida por esses alunos, ainda fica muito aquém da inclusão autista que faz-se necessário para propiciar resultados satisfatórios. Em relação aos idiomas, dos seis artigos analisados estavam em português<sup>1, 2,5-8</sup>, dois em inglês <sup>3,4</sup>, no entanto apenas um<sup>3</sup> trabalho foi realizado em país cujo idioma oficial é o inglês. Acreditava-se que o numero de publicações em língua inglesa seria maior, pela relevância que a língua possui. Mas, os resultados das pesquisas demonstraram uma diferença significativa considerando os critérios de elegibilidade desta revisão.



No que se refere ao contexto de gênero biológico as amostras mostraram uma diferença de cerca 87,5% do sexo masculino e 12,5% do sexo feminino. Isso se dá pela incidência do autismo se manifestar mais em homens que em mulheres cerca de 4 para 1 (PEREIRA, 2015; MAIA FILHO, 2016). Ainda não existe comprovação científica que explique esse fenômeno. Também devemos ressaltar que a cidade de Vitória / ES apresenta o maior número de estudo com a variável interação social e maior volume de publicações referentes ao ano uma vez que esses autores fazem parte do Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), importante contribuinte na formação de profissionais da educação física, que visam ações pedagógicas de caráter inclusivo.

Dos oito estudos publicados entre os anos de 2009 a 2019, seis utilizaram o jogo e o brinquedo em suas mais variadas formas como mola propulsora do processo de interação entre as crianças (**quadro 1**). Segundo Silva et al. (2012), os jogos, inclusive os cooperativos utilizados no decorrer das práticas de atividades físicas, constroem valores relacionados ao processo de motivação, promovendo atitudes positivas e diante dos resultados obtidos no jogo levam a valorização desses resultados. Dessa forma, o aluno vivencia o verdadeiro sentido dos jogos cooperativos na prática. Sendo assim, por meio de jogos e brincadeiras, a criança pode “tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo” (KISHIMOTO, 2010, p. 01). A pesquisa mostrou que o jogo e as atividades lúdicas tem sido material de estudo frequente; Resaltamos que foram as intervenções mais utilizadas por professores de acordo com pesquisa. As brincadeiras e brinquedos reciclados também são bastante utilizados, pois há facilidade na aquisição desses materiais e a criança se sente envolvida na construção do brinquedo.

Ao utilizar as atividades em meio líquido, exploração do corpo no espaço aquático constitui um componente essencialmente importante na construção da representação que a criança faz de si mesma em seu processo de desenvolvimento, especialmente em se tratando de crianças com autismo (CHICÓN, 2013). O estudo de Chicón buscou criar situações pedagógicas que tinham nas ações lúdicas o ponto chave para estimular a melhor ambientação da criança nesse espaço, ampliar as interações sociais, o aprendizado dos gestos técnicos, colaboração e a aceitação das diferenças/diversidades de forma mais significativa para a criança (CHICÓN;

SILVA DE SÁ; FONTES, 2013). Todos esses pontos facilitaram a interação, pois houve a necessidade de proteção por parte do outro.

O enfoque das ações pedagógicas permeou o universo das atividades em dupla, grupos e a atividades concretas e curtas. Através da metodologia empregada e do interesse do professor e estagiário em buscar a melhoria na interação social do aluno com autismo, podemos afirmar que houve sucesso na proposta, pois uma relação afetiva entre o professor e a criança possibilitou bons desempenhos na trajetória de brincar do aluno. Nesse recorte, percebemos que a ação mediadora do professor/ estagiário foi fundamental para colocar a criança com autismo em interação.

Partindo deste pressuposto é essencial buscar formas de abranger os outros conteúdos da educação física, sempre de maneira lúdica e prazerosa para a criança. Observamos na tabela 1, as intervenções que vivenciaram o brincar lúdico com ênfase na psicomotricidade obtiveram sucesso, visto que segundo, Sousa (2018, p 253): “A psicomotricidade contempla intervenções ou práticas específicas que atuam como prevenção de déficit, educação e reeducação para desenvolvimento humano”. Então, no processo de aprendizagem escolar, as atividades que serão executadas devem ser significativas para o aluno, bem como envolver princípios psicomotores. Alguns estudos (FONSECA, 1995; LE BOULCH, 1988; ROSSI, 2012; XISTO & BENETTI, 2012) reconhecem que a psicomotricidade facilita o entendimento da atividades e que propõe uma intervenção e na prevenção nas dificuldades existentes.

Nesse sentido, acredita-se que a educação física e a abordagem psicomotricista são conhecimentos que se interligam através das atividades motoras. Pois, ao vivenciar o movimento o aluno é capaz de obter outros conhecimentos importantes para o seu convívio social, afetivo e intelectual. Ou seja, psicomotricidade se torna uma grande aliada no ensino, seja na ressignificação de práticas antigas a novas ideias através da Educação Física.

Ao tratar da ressignificação das práticas pedagógicas, é interessante repensar o papel do esporte no contexto de inclusão. Os esportes foram a terceira intervenção mais utilizada, acredito que seu caráter muita das vezes competitivo contribui para uma aceitação a ser analisada. Segundo Moreno e Machado (2006) a prática esportiva deve ser tratada com destaque associada ao conteúdo lúdico. Como já citamos anteriormente a ludicidade facilita quebras de barreiras que há

entre a criança autista e as pessoas de fora do convívio familiar.

Ao utilizar o futebol como conteúdo pedagógico, busca-se uma aproximação da realidade / vivência escolar em muitos lugares. Pois, esta temática é recorrente entre as aulas de educação física, e popularmente conhecido como um dos esportes mais difundidas em todo o mundo. Aulas que geralmente não são planejadas pelo professor recorrem a esta “muleta pedagógica” (LÓPEZ; VALENZUELA; LÓPEZ ; SILVA, 2008). Durante essas aulas os alunos aptidão se sobressaem, havendo uma divisão entre os mais e os menos habilidosos. Com isso os alunos com autismo tendem a se isolar, afetando a comunicação dos alunos; Ao invés de se tornar socializador, o esporte torna-se excludente. Todos têm direito de aprender e jogar futebol, a idéia é que haja uma troca conhecimento ou o mais próximo disso, aquele que já sabe auxilia o que não sabe, e ao ensinar ele também estará melhorando a sua técnica. Todos devem ter atenção até que aprendam, no mínimo, o suficiente (FREIRE, 2006)

Diante disto, o estudo que analisamos mostrou formas consistentes de que planejamento e interesse são essenciais para o sucesso da interação social, como o artigo decidiu dividir por seções as variáveis a serem estudadas, as que competiam ao obediência de regras e participação efetiva do aluno autista foi alcançada. Segundo o estudo realizado por MEMARI et al (2013), onde a atividade física em crianças com TEA foi analisada, os autores afirmam que uma das principais razões para a inferior participação de crianças com TEA em atividades físicas e de jogos, em comparação para crianças com desenvolvimento típico, é a sua dificuldade em assimilar as regras e sua consequente frustração.

Um progresso significativo foi observado de acordo com as habilidades de planejamento das crianças. Três participantes assumiram a liderança, e eles mesmo foram voluntários para explicar algumas atividades. Foi também mostrada certa melhoria em relação à definição de objetivos, principalmente nos casos em que os objetivos eram relativamente simples. Assim, os resultados refletem uma melhoria geral, embora algumas habilidades sociais não forem consideradas neste projeto-piloto.

Todos os estudos elencados ao longo deste trabalho contou com a participação efetiva de professores e estagiários que de alguma forma contribuíram para uma aprendizagem significativa, melhoria na qualidade de vida e mudanças de

padrões comportamentais que influenciaram diretamente o modo como esses alunos participam das aulas de educação física

Salientamos a importância do professor de educação física para o sucesso das aulas e sua participação nos processos de inclusão. Mais para que isso aconteça faz-se necessário uma formação adequada, condições de trabalho minimamente favoráveis e suporte técnico por parte dos gestores das escolas, visto que não é competência exclusiva do professor pensar a inclusão. Ainda assim, reconhecemos sua responsabilidade em criar condições adequadas para que isso ocorra (ALVES; DUARTE, 2005). Os professores são responsáveis por darem os primeiros passos no processo de inclusão escolar, como ressalta:

[...] espera-se que, principalmente que os professores, modifiquem a forma tradicional de “olhar” o diferente, de modo que “enxerquem” as capacidades e as potencialidades, ou seja, não se pode mais “olhar” para os alunos e “ver”, por exemplo, trinta mais um (o diferente) e sim 31 alunos (NABEIRO, 2010, p. 402).

É recomendável que o professor compreenda o real significado de inclusão, não basta optar por uma aula diferenciada, mas assumir uma perspectiva educacional que valorize as diferenças e partilhe do desejo de uma sociedade mais inclusiva (CHICON, 2005). Por tanto, é necessário planejar a aula com um olhar plural e não em um único foco, promover a independência, a validação do ser diferente e as potencialidades dos alunos (MUNSTER; ALMEIDA, 2006; CHICON; MENDES; SÁ, 2011).

Ao montar um planejamento adequado para as práticas metodológicas é importante analisar os objetivos, os conteúdos e as atividades, as adaptações, os procedimentos de ensino e os recursos (SANT’ANNA *et al*, 1998). A cerca dos objetivos, uma vez definidos, faz-se necessário que o professor realize alterações, que respeitem a individualidade, as habilidades e as limitações dos alunos (PEDRINELLI; VERENGUER, 2004). Pois, cada sala de aula é única, cada aluno é único e a maneira com o professor compreende e entende este ambiente, refletirá os resultados alcançados com esses alunos.

A dificuldade docente para avaliar aprendizagens e ensinar conteúdos acadêmicos apropriados à etapa escolar é perceptível, seria primordial desenvolver no Brasil uma cultura de avaliação das práticas pedagógicas empregadas para que os educandos com autismo estejam, de fato, sendo escolarizados nas escolas regulares (SCHMIDT, 2013). Avaliações nos moldes que são realizadas atualmente

não englobam as crianças autistas, seus resultados não alcançam o esperado por pais e professores, através de uma maneira diferenciada de avaliar, será possível notar a evolução dos alunos autistas, uma vez que qualquer mínimo traço de desenvolvimento, deve ser avaliado.

É importante enfatizar que são necessárias mais pesquisas para contemplar todos os conteúdos da educação física; De acordo com BEZERRA (2012): A Educação Física como meio pedagógico tem contribuições significativas às pessoas com Autismo, sendo que, seus conteúdos abrangem todo e qualquer corpo, independente do estado cognitivo, diferenciando-se apenas pelas estratégias metodológicas desenvolvidas.

## **CONCLUSÃO**

Este artigo teve como objetivo principal apontar intervenções e práticas pedagógicas utilizadas para inclusão de crianças com autismo, além de apresentar os conteúdos que estão sendo investigados para que as aulas contemplem esse público.

Notou-se, que grande parte dos estudos que foram descartados buscava verificar a atuação do professor, ou seja, as pesquisas estão sendo elaboradas na perspectiva do profissional de educação física e não na perspectiva da criança que esta sendo incluída. Precisamos de um olhar mais cuidadoso para com esses alunos.

Cabe salientar que a amostra de estudos analisada é somente um recorte das pesquisas realizadas sobre a inclusão nas aulas de Educação física, com ênfase nas intervenções, práticas pedagógicas e a interação social. Já que esta é uma variável importante para este público.

Observamos, por fim, a inclusão da criança com transtorno do espectro autista é uma realidade nos países pesquisados, os profissionais que os recebem nas escolas estão buscando capacitação e contribuir na melhoria de qualidade de vida desses alunos.

De modo geral, a análise dos estudos selecionados nesta revisão proporcionou um resgate de fontes importantes de conhecimento a cerca das práticas e intervenções pedagógicas

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do espectro Autista**; Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 27 de dez. 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12764.htm)> Acesso em 18/04/2018.

ASPERGER, H. **Autistic psychopathy in childhood**. In U. Frith (Ed.). Londres: Cambridge University Press. (Trabalho original publicado em 1944) IN DIAS, S. **Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 18(2), 307-313. 2015

ARAÚJO, F. Z. **O uso dos jogos e brincadeiras para crianças autistas: possibilidades nas aulas de educação física**. Periodicos UFES. Vitória. 2019

ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. A inclusão do deficiente visual nas aulas de educação física escolar: impedimentos e oportunidades. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**. Maringá, v. 27, n. 2, 2005.

BEZERRA, T. L. **Educação inclusiva e autismo: a educação física como possibilidade educacional**. Ed.Realize. Paraíba. 2012

BLEULER, E. **Demencia precoce: O grupo das Esquizofrenias**. 1911. IN PEREIRA, M. E. C; **Bleuler e a invenção da esquizofrenia**. Revista Latinoam. Psicop. Fund., III, 1, 158-163 Buenos Aires: Paidós. (2015)

BOSA, Cleonice. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice. **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental – educação física**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, p. 85, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/dir\\_tea.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/dir_tea.pdf)>. Acesso em: 28 de maio 2013.

CABRAL, C. S; Marin, A. H. **Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática da literatura**. Belo Horizonte; Educação em revista; 2017

CHICON, J. F et al. **Atividades lúdicas no meio aquático: possibilidades para a inclusão**. Vitória. Periodicos UFRGS. 2013

CHICON, J. F. **Inclusão na educação física escolar: construindo caminhos.** 2005. 420f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2005.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

DSM-V: **Diagnostic and statistical manual of mental disorders.** Washington, 2013.

FALKENBACH, A. P.; CHAVES, F. E.; NUNES, D. P.; NASCIMENTO, V. F. **A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física na educação infantil.** Movimento, v.13, n.2, p. 37-53, 2007.

FARINHA, Ana P.V; **INCLUSÃO DE AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: Possibilidades pedagógicas que podem auxiliar em suas potencialidades.** Medianeira: Repositório Roca, 2014.

FONSECA, V. **Manual de observação psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores.** Porto Alegre: Artes médicas, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GALVÃO, Thais F; PEREIRA, Maurício G; **Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração.** Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, 2014.

GÓMEZ LÓPEZ, M., VALERO VALENZUELA, A., PEÑALVER LÓPEZ, I., & VELASCO DA SILVA, M. (2008). **El trabajo de La motricidad en la clase de Educación Física con niños autistas a través de la adaptación del lenguaje Benson Schaeffer.** Revista Iberoamericana de educación. Servicio de Publicaciones. Recuperado a partir de <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2661769&info=resumen&idioma=SP>  
A IN MARTINS, J. S; OLIVEIRA, C. R. **Uma intervenção pedagógica para alunos com transtorno do espectro do autismo com habilidades de interação social comprometidas nas aulas de educação física.** Ed. Realize. Pelotas. 2018

JUNIOR, F. P. Quantos autistas há no Brasil? **Revista Autismo**, v. 4, n. 4. São Paulo, 2019.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos.** Brizolara. 5. ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1988.

LEDFORD et al. **Using Teacher-Implemented Playground Interventions to Increase Engagement, Social Behaviors, and Physical Activity for Young Children With Autism.** Hammill Institute on Disabilities. Tennessee. 2015

LÓPEZ et al. **Effects of a Program of Sport Schools on Development of Social and Psychomotor Skills of People with Autistic Spectrum Disorders: A Pilot Project.** Journal of Education and Training Studies. Madrid. 2017

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e Brincadeiras na educação infantil.** FE-USP. São Paulo. 2010

KENNER, L; **Austitic disturbances of affective contact.** NervousChild, 1943, IN; BAPTISTA, Cleonice R;BOSA, Cristina A. (Orgs.), **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção** (pp. 21-39).Porto Alegre: Artmed

MAIA FILHO, A. L. M; NOGUEIRA, L. A. N. M; SILVA, K. C. O; SANTIAGO, R. F. **A importância da família no cuidado da criança autista.** Revista Saúde em foco. Piauí. 2016.

MARTINS, J. S; OLIVEIRA, C. R. **Uma intervenção pedagógica para alunos com transtorno do espectro do autismo com habilidades de interação social comprometidas nas aulas de educação física.** Ed. Realize. Pelotas. 2018

MORENO, R, M.;MACHADO, A. A. **Re-significando o esporte na educação física escolar: uma perspectiva crítica.** Movimento & Percepção, Espírito Santo de Pinhal, SP, 2006.

MACIEL, Mariene Martins; FILHO, Argemiro de Paula Garcia. **Atendimento educacional específico Autismo: uma abordagem tamanho família.** In:DÍAZ, F., et alorgs. **Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas [online].** Salvador: EDUFBA, 2009.

MENDES, E. G. **Desafios atuais na formação do professor em educação especial.** Revista Integração, Brasília: MEC / SEESP, ano14, v. 24, p. 12-17, 2002.

MEMARI, A. H., Ghaheri, B., Ziaee, V., Kordi, R., Hafizi, S., & Moshayedi, P. (2013). **Physical activity in children and adolescents with autism assessed by triaxial accelerometry.** Pediatric Obesity. 2013.

MUNSTER, M.A.V.; ALMEIDA, J.J.G. **Um olhar sobre a inclusão de pessoas com deficiência em programas de atividade motora: do espelho ao caleidoscópio.** In: RODRIGUES, D. (Org.). **Atividade Motora Adaptada: a alegria do corpo.** São Paulo: Artes Médicas, 2006.

NABEIRO, M. **O colega tutor nas aulas de educação física inclusiva.** In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A. (Org.). **Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva.** Araraquara: Junqueira & Marin, 2010.



NUNES, Debora R; SCHIMIDT, Carlo; AZEVEDO, Mariana Q. **Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura.** Santa Maria: Revista Educação Especial, 2013. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial> Acesso em: 19/05/2018.

PARR, J. **Journal of Autism and Development Disorders.** Newcastle. Reino Unido. 2016.

PEDRINELLI, V.J.; VERENGUER, R.C.G. **Educação física adaptada: introdução ao universo das possibilidades.** In: GREGUOL, M. (Org.). Atividade física adaptada. São Paulo: Manole, 2004.

PEREIRA, J. K. G. **Prevalência do autismo e de sintromes relacionadas em Apucarana.** Universidade Federal do Paraná. Trabalho de Conclusão de Curso. Paraná.2015

ROSSI, F. S. **Considerações sobre a psicomotricidade na educação infantil.** Vozes dos Vales, Diamantina, n. 1, p. 1-18, 2012.

SANT' ANNA, F.M. et al. **Planejamento de ensino e avaliação.** 11.ed. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1998.

SCHMIDT, C. (Org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** Campinas: Papyrus, 2013.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro. Ed. Objetiva, 2012.

SIQUEIRA, M. F; CHICON, J. F. **Práticas pedagógicas inclusivas na educação física: o aluno com autismo em foco.** Periodicos UFES. Vitória. 2019

SIQUEIRA, M. F. **Educação física, autismo e inclusão: ressignificando a prática pedagógica.** Biblioteca da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2011.

SOUSA, P. A. C. **Educação física e inclusão: experiências no estágio supervisionado na educação infantil.** Revista Educação. Artes e inclusão. Boa Vista. 2019

SILVA, A. N. V; SILVA, F. H. S. **Jogos cooperativos e crianças autistas: um estudo de caso.** V Seminario Nacional De Educação Especial. UFU. Uberlândia. 2012.

XISTO, P. B.; BENETTI, L. B. A psicomotricidade: uma ferramenta de ajuda aos professores na aprendizagem escolar. **Revista Monografias Ambientais**, v. 8, n. 8, p. 1824 - 1836, 2012.